

fsp
6/12/98
472
pg 1-4

Expedição massacrada: sobrevivente viu o corpo nu de mulher amarrado na árvore



A expedição, antes de partir (o terceiro, da direita para a esquerda, é Álvaro, o sobrevivente)

direção a um ponto combinado, em busca de outras malocas. O outro grupo permaneceria no local. Durante a noite, tudo correu normalmente com os expedicionários revezando-se nos postos de vigília. Dia 23 — Um grupo de seis homens viajou por terra, à procura de outras malocas. Três pessoas permaneceram no acampamento. Dia 24 — Os expedicionários jun-

Esses primeiros contatos foram amistosos. O chefe e outros índios ajudaram a expedição a construir o suporte da antena de rádio. Junto ao acampamento, que era montado em local afastado da maloca, Padre Calleri passou a tarde convencendo o cacique que eles deveriam servir de guia para que a expedição atingisse outras malocas.

conceruia. À tarde, o padre surpreendeu um índio roubando um prato e fez várias ameaças. Álvaro conta que padre Calleri pronunciou a palavra, "marupé", que para os índios significa a maior ameaça. O incidente foi contornado e os expedicionários dormiram, esta noite, nas proximidades da maloca, notando grande movimentação em seu interior.

to. De lá retirou, mais alguns mantimentos e seguiu de canoa, por um igarapé, até atingir o rio Atumã. Durante vários dias presenciou a presença de índios na margem, esperando uma oportunidade de pegá-lo. Terminadas suas provisões, encostou a canoa na margem para caçar. Ao atirar num passarinho, sua espingarda partiu-se ao meio: os índios tinham espiado o cano.

Acima, o padre Calleri, o noticiário de 1968, a última foto de sua expedição e o índio Thomaz, um de seus assassinos

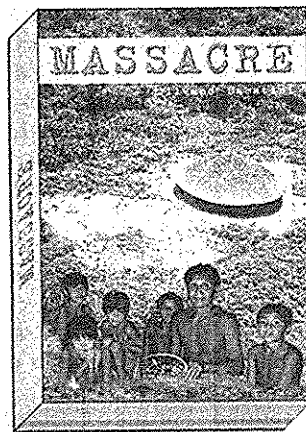
O padre cumpriu seu juramento

Saiu um bom livro. Chama-se "Massacre", foi escrito pelo padre Silvano Sabatini (com a ajuda do jornalista Antonio Carlos Fon) e foi editado pelo Conselho Indigenista Missionário.

É o produto de um juramento, feito pelo autor, há 30 anos, diante das ossadas do padre João Calleri e de seis homens e duas mulheres que o acompanhavam numa expedição em busca dos índios waimiri-atroari nas matas do norte do Amazonas.

Foi o último massacre de missionários na Amazônia brasileira. Segundo a narrativa da época, os índios estavam no caminho da BR-174, o padre foi pacificá-los, e eles exterminaram a expedição. Sobrou só um mateiro que se desentendera com o padre e abandonara o grupo dois dias antes do ataque. Tudo teria resultado da imprudência de Calleri, um italiano estourado, de 34 anos. O episódio parecia mais um capítulo de uma guerra que, em 20 anos, havia matado 40 brancos e pelos menos 150 índios.

Tem gente que ainda acredita nessa história. A narrativa do so-



brevemente, um aventureiro chamado Paulo Mineiro, não fazia sentido, mas as investigações dos militares que mandavam na região acabaram em pizza. O andar de cima passou 30 anos negando-se a ouvir os murmúrios da floresta. Agora está diante do grito do padre Sabatini.

O padre Calleri foi ao encontro dos waimiri-atroari supondo que tinha 50% de chances de voltar vivo. Dizia que, se não fosse, os índios ficariam com 100% de chances de serem exterminados.

Sua morte serviu de pretexto para o massacre de uma nação que tinha 3.000 índios em 1968 e ficou reduzida a 332 em 1983. Os waimiri-atroari foram dizimados a tiro, veneno fumigado, sarampo e catapora. Algumas dezenas foram electrocutadas. O asfaltamento da pista da BR-174, ligando Manaus a Caracas, foi inaugurado há três semanas. Hoje, graças a um programa da Eletronorte, eles já são 700.

Padre Silvano sustentou seu juramento por 30 anos, 11 dos quais dedicados integralmente à reconstrução do massacre da expedição de Calleri. Entrevistou cerca de 50 pessoas, inclusive três participantes da matança. Gravou e filmou inúmeros depoimentos.

Ele descobriu, e conta em seu livro, que as chances de seu amigo sair vivo da floresta eram nulas. Foi para uma armadilha.

A expedição foi massacrada na manhã do dia 1º de novembro de 1968, num ataque comandado pelo mateiro Paulo Mineiro, que morreu em 1981. Teve consigo alguns brancos, os waimiri-atroari, e também índios wai-wai, acanto-

nados nas proximidades da maloca. Sabatini sustenta que a operação foi concebida e coordenada, no local, por Claude Lewitt, um pastor americano da Missão Evangélica da Amazônia, a MEVA. Esse aventureiro reapareceu no ano passado, pedindo pousada numa aldeia wai-wai, e foi devolvido ao mato. Índios que conviviam com ele asseguram que seu interesse pelo garimpo era muito maior que sua fé evangelizadora.

O livro descreve a desgraça da nação waimiri-atroari com pungente competência. É um pouco confuso na narrativa e atropela o final, desvendando o mistério em apenas 24 de suas 239 páginas. No desfecho, vale-se de diversas narrativas e das belas palavras da respeitada índia Coowi. Vale transcrever o início de seu depoimento: "Estou muito velha e vou morrer, mas sou feliz. Meu neto pediu para contar a história dos antigos. Tenho medo. Vai ser muito perigoso para ele".

Mayari, um dos índios wai-wai que confirmou o depoimento de Coowi, foi assassinado há duas semanas.